

O Diário B. Kouz. 11 out. 1968

## QUEM É QUEM

163 MIGUEL T. CHIQUILOFF



Miguel Theodorovitch Chiquilloff, filho do Sr. Theodoro P. Chiquilloff e da Sra. Anastácia A. Chiquilloff, nasceu na cidade de Rostov, no Estado do Don, Rússia, em 12 de fevereiro de 1899.

Pertenceu ao Exército do Tzar Nicolau II e fez parte da última resistência ao regime imperante em sua Pátria, como oficial, tomando parte na derradeira coluna que deixou aquele País ao se instalar o regime socialista.

Vindo para o Brasil, em 18 de maio de 1929 casou com a Sra. Francisca Zilah Guimaraens e desse enlace nasceram: o Dr. Miguel Alphonsus de Guimaraens Chiquilloff, Ruslan M. G. Chiquilloff, Theodoro M. G. Chiquilloff e Lumila Z. Chiquilloff Torres.

Atualmente é bancário aposentado.

É fundador da Academia Municipalista de Letras e nela detem o cargo de 1º Bibliotecário.

Entre suas condecorações se destacam: "Coroa de Espinhos" (Retirada na Rússia), "Cruz de São Jorge", "Cruz de Galipoli", "Insignia da Inconfidência", Medalha "Cidade de Tiradentes" e "Brilhante Azul" (Bancária).

Entre seus trabalhos literários citam-se os publicados nas revistas: "Cruzeiro", "A Cigarra", "Cidade Luz", "Alterosa", "Belo Horizonte" e "Pindorama". Também em vários jornais.

Produtor cinematográfico, produziu diversos filmes documentários: "Mariana, Reliquia de Minas", "Trabalhos de Arte em Pedra sabão" e "Congresso Nacional dos Bancários". Cinemascope da série "Joias do Brasil": "Sabará", "Arte Sacra de Ouro Preto", "Mariana", "Um dia em Ouro Preto" e "Belo Horizonte, Sinfonia de Côres". Alguns desses filmes, com fundo musical dos Mestres Barrocos do Século XVIII, tiveram repercussão internacional.

## Nota sobre Mario Brant Carlos Drummond de ANDRADE

Leio a curta notícia, sumida em página interna: "Faleceu um ex-presidente do Banco do Brasil". Exercesse ainda a presidência, e ganharia "chamada" em primeira página, clichê e quatro colunas. Mas foi presidente há muitos anos, essas coisas não contam mais. E não foi apenas presidente, como outros, mas o primeiro e, até hoje, único humorista a ocupar a presidência do Banco do Brasil (por duas vezes). Os humoristas são inverossímeis. Fazem o seu, e aquilo que os demais especialistas não são capazes de fazer, fora de suas áreas privativas.

Este, além de manejar o "humour" com a finura e segurança dos cobras no gênero, sabia de ciência das finanças o que poucos doutores sabem entre nós, e quando o sabem não lhe adicionam aquele impolterável condimento intelectual, que torna a verdade mais picante. Como se não bastasse, tinha conhecimento extenso e variado de letras e técnicas, foi político militante, deputado, secretário de governo, ajudou a trambar e desfechar uma revolução, a de 30. Chamava-se Mário Brant, e tendo chegado aos 92 anos, conquistou o direito de não ser lembrado em vida, o que talvez até apreciasse, como sábio e humorista, espécies que se ligam na mesma visão clara do mundo.

Minha primeira lembrança do talento literário de Mário Brant vem de longe. Meu pai assinava a "Gazeta de Notícias" e não perdia as crônicas de um certo R. Manso, que comentava as coisas de modo simples e mordente. O velho, homem positivo, não era de admirar qualquer escrevinhador apenas brilhante; exigia mais alguma coisa. Ouvindo-o gabar a "última" de R. Manso, guardei o nome, que depois fui encontrar na "Careta" e na

"Noite", assinando pequenas estórias, sátiras, de vez em quando versos. Sua receita de feijoada mineira em poema, que recolhi numa antologia sobre Minas Gerais, não é só divertida; testada em casa, funciona mesmo:

Se, além desses preparos,  
deitar nela  
Lingüiça e mais um osso de  
presunto,  
Só o cheiro da panela  
Faz crescer água à boca de  
um defunto.

Morador da Rua Barata Ribeiro em 1933, R. Manso (o lado não oficial de Mário Brant) dirige ao prefeito um abaixo-assinado, no qual, descrente de que o logradouro seja calçado um dia, propõe arrendá-lo, com os demais moradores, uma vez que a Prefeitura parece determinada a convertê-lo em zona agrária. De passagem, informa que lá existe um clube de regatas intermitentes, bem como um açude de profundidade bastante para a navegação e a piscicultura. Os signatários pretendem mesmo tentar a criação-módulo de sardinhas, mas viverão estas em harmonia com os sapos, "autóctones da região"? Aguardam resposta

de consulta feita ao Ministério da Agricultura. Não sei se o prefeito mandou calçar a rua em virtude da petição; sei que esta, decorridos 55 anos, continua modelo de ironia e invenção literária, suficiente para incluir MB na linha dos grandes cronistas. Com este, deixou milhares de escritos perdidos em velhos jornais, sem se preocupar de salvá-los do esfarinhamento nas coleções da Biblioteca Nacional, reunindo-os em livro.

Deixa um livro, entretanto: "Viagem a Buenos Aires" ... (1917). Recentemente, uma professora de português, naquela capital, aproveitou-o como leitura de classe. Os jovens portenhos ficaram "gamados" pela verve e acuidade de observação do viajante. O autor é que não ligava à obra. Ao saber que Coelho Neto comprara um exemplar, confessou a um amigo:

— Não gostei nada. Sempre que alguém compra meu livro, fico com vontade de botar 4 mil réis num envelope e remeter ao incauto, como se eu o tivesse roubado...

Sua figura de homem público, eficiente e combativo, merece estudo. O escritor, que não pretendia ser escritor, também.